

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

GILSON BUENO DE ABREU
JASMEWEN RODRIGUES DE SOUZA
MIRIAM FÁTIMA DE OLIVEIRA SILVA

ANÁLISE PSICOPEDAGÓGICA DAS METODOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO
DE JOVENS E ADULTOS

ANÁPOLIS
2018

GILSON BUENO DE ABREU
JASMEWEN RODRIGUES DE SOUZA
MIRIAM FÁTIMA DE OLIVEIRA SILVA

ANÁLISE PSICOPEDAGÓGICA DAS METODOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO
DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis, como requisito parcial para obtenção do título de especialista, sob a orientação da Profa. Ma. Sueli de Paula Cunha.

ANÁPOLIS
2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

GILSON BUENO DE ABREU
JASMEWEN RODRIGUES DE SOUZA
MIRIAM FÁTIMA DE OLIVEIRA SILVA

ANÁLISE PSICOPEDAGÓGICAS METODOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis, como requisito parcial para obtenção do título de especialista, sob a orientação da Profa. Ma. Sueli de Paula Cunha.

Data da aprovação: ____/____/____. Nota: ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Sueli de Paula Cunha

ORIENTADORA

Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel

CONVIDADA

Profa. Ma. Marisa Roveda

CONVIDADA

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) corresponde a uma modalidade de ensino voltada para aquelas pessoas que, por diversos motivos, não frequentaram a escola na idade adequada. O trabalho de estágio supervisionado em Psicopedagogia Institucional resulta de uma pesquisa de campo e análises bibliográficas, com o objetivo de analisar os desafios pedagógicos encontrados dentro da Educação, o que se encaixa a EJA. Assim, tal estudo utilizou-se de observações, entrevistas, análises documentais e questionários que resultaram em uma análise de dados e, posteriormente, nas propostas de intervenções. No estudo de caso entendeu-se que as propostas de intervenções devem ser bem ordenadas, de acordo com as análises de dados e pesquisas bibliográficas realizadas a partir de livros e artigos científicos que fundamentaram o diagnóstico.

Palavras-chave: EJA. Educação. Psicopedagogia.

ABSTRACT

Youth and Adult Education (EJA) corresponds to a type of education aimed at those people who, for various reasons, did not attend school at the appropriate age. The supervised internship in Institutional Psychopedagogy results from a field research and bibliographical analysis, with the objective of analyzing the pedagogical challenges found within the Education, which fits the EJA. Thus, this study used observations, interviews, documentary analyzes and questionnaires that resulted in a data analysis and, later, in the proposals for interventions. In the case study it was understood that the proposals for interventions should be well ordered, according to the analysis of data and bibliographical research carried out from books and scientific articles that substantiated the diagnosis.

Keywords: EJA. Education. Psychopedagogy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	PSICOPEDAGOGIA	9
2.1	PSICOPEDAGOGIA E A INTERDISCIPLINARIDADE	9
2.2	CAMPOS DE ATUAÇÃO.....	9
2.3	IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	10
2.4	HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL... 11	
2.5	O DIREITO À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	12
2.6	PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	14
2.7	A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA E DO HÁBITO DE LEITURA	16
2.8	RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NA EJA.....	18
2.9	APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	19
2.10	DIFICULDADES ENCONTRADAS NA EJA	21
2.11	PSICOPEDAGOGIA PREVENTIVA E TERAPÊUTICA ESCOLAR.....	22
3	METODOLOGIA	24
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	24
3.1.1	Observação.....	24
3.1.2	Entrevista	25
3.1.3	Análise Documental	25
3.1.4	Questionário	26
3.2	POPULAÇÃO AMOSTRA	26
3.3	PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	26
4	ANÁLISE DE DADOS	28
4.1	ESTRUTURA DA ESCOLA	28
4.2	OBSERVAÇÃO DA AULA DE MATEMÁTICA, LÍNGUA PORTUGUESA E CIÊNCIAS.....	28
4.3	ENTREVISTA COM OS ALUNOS.....	30
4.4	ENTREVISTA COM OS PROFESSORES	33
4.5	ENTREVISTA COM A COORDENADORA	36
4.6	ANÁLISE DIAGNÓSTICA DOS LEVANTAMENTOS DE DADOS.....	37
5	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	39
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	43

APÊNDICES	47
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS.....	47
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA EQUIPE GESTORA E PROFESSORES	48
APÊNDICE C - ENTREVISTA COM A COORDENADORA	49
APÊNDICE D - FICHA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	50

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, é muito comum ver dentro das salas de aulas pessoas adultas que, depois de um longo tempo sem estudar, ou até mesmo que nunca frequentaram uma escola, passam a se dedicar ao estudo, com a finalidade de se formarem.

Sendo assim, foi criado o sistema conhecido como Educação de Jovens e Adultos (EJA), para que fosse oportunizada a alfabetização para aqueles adultos que não tiveram a oportunidade de frequentarem uma escola, para que, assim, lessem e escrevessem.

Em alguns casos, esses adultos que estão inseridos na EJA, precisam ser estimulados pelos educadores, visto que a maioria já leva uma rotina exaustiva que envolve trabalho e uma família para cuidar, o que provoca certo cansaço físico e mental nesse público.

O professor tem papel fundamental para o bom desenvolvimento e absorção de conteúdo pelos alunos, devendo, assim, adotar uma didática atrativa para os alunos que busque o envolvimento e, conseqüentemente, a aprendizagem, garantindo o acesso à educação dentro do contexto em que o aluno está inserido.

A EJA é uma forma de inclusão social, é uma forma de política pública que tem uma real efetividade na realização de seu objetivo, que é promover a educação para aquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar.

Como incentivador da educação, destaca-se Paulo Freire, um dos grandes defensores da educação para Jovens e Adultos, que enfatiza a necessidade do professor conhecer o aluno, para que consiga uma transformação no método de ensinar, contribuindo para mudanças positivas no mundo em que se vive.

Portanto, o EJA pode modificar a vida das pessoas e do meio no qual elas estão inseridas, a fim de oportunizar pela aprendizagem escolar uma inserção social, promovendo o exercício de direito e deveres que lhe são assegurados legalmente.

Partindo desse âmbito, o professor deve estar atento às necessidades do aluno, para buscar uma metodologia de ensino que melhor adéque a sua realidade, para maior desenvolvimento intelectual do discente e para que este supere suas necessidades educacionais.

Ressalta-se, ainda, que são inarráveis as interferências que um professor pode fazer entre os alunos da EJA, no que se refere ao processo de aprendizagem, dessa forma, o problema levantado pela pesquisa foi: quais as metodologias utilizadas na Educação de Jovens e Adultos que facilitam o processo da aprendizagem?

Para responder tal problemática, objetivou-se analisar os desafios pedagógicos encontrados dentro da metodologia de ensino da Educação de Jovens e adultos; conceituar a EJA; explanar sobre as contribuições de Paulo Freire na EJA; identificar o papel do professor na EJA; analisar a psicologia preventiva e terapêutica; realizar um levantamento educacional em relação às metodologias de ensino e a Psicopedagogia.

Para melhor compreensão, dividiu-se o trabalho em capítulos, a saber: a introdução, onde foram apresentadas as informações iniciais da pesquisa; o referencial teórico sobre a alfabetização de jovens e adultos, a EJA e os pensamentos empregados por Paulo Freire sobre este tipo de educação; a metodologia, que trouxe os aspectos metodológicos do trabalho; a apresentação e a análise dos dados e, por fim; as considerações finais.

2 PSICOPEDAGOGIA

Ao contrário do que se pensa a Psicopedagogia não é apenas a soma da Psicologia e da Pedagogia, pois se trata do ensinar como forma de realização interna e externa, tanto para quem aprende, quanto para quem ensina, fazendo uma abordagem do que é real e daquilo que se anseia (BOSSA, 2007).

Neste mesmo sentido, Bossa (2007) destaca que o processo de aprendizagem de englobar vários campos é necessário, para que o conhecimento adquirido dentro da sala de aula possa ser empregado no cotidiano.

2.1 PSICOPEDAGOGIA E A INTERDISCIPLINARIDADE

Garrido (1990) diz que a Psicopedagogia está ligada ao conhecimento humano, realizando uma soma que vai além da Psicologia e da Pedagogia, mas um aglomerado disciplinar como a Filosofia, a Neurologia, a Sociologia e a Análise Comportamental.

Para Almeida (2010, p.33):

Competências interculturais são habilidades cognitivas, afetivas e práticas necessárias para se desenvolver eficazmente em um meio intercultural. Estão orientadas a criar um clima educativo no qual as pessoas as pessoas se sintam aceitas e apoiadas por suas próprias habilidades e conhecimento, assim como a permitir a interação efetiva e justa entre os membros de um grupo. O desenvolvimento destas competências é o objetivo básico de toda iniciativa pedagógica intercultural.

Neste sentido, a Psicopedagogia se torna interdisciplinar por abordar e abranger várias áreas da educação e de outros campos que se relacionam ao desenvolvimento de habilidades que são de suma importância no processo de conhecimento (BOSSA, 1994). Desse modo, a Psicopedagogia tem relação com áreas que se interagem no diálogo, tendo como compromisso a aprendizagem do sujeito e do seu meio.

2.2 CAMPOS DE ATUAÇÃO

O psicopedagogo institucional é responsável por realizar um levantamento de dados do ambiente escolar e conseguir abranger a diversidade dos envolvidos na instituição, podendo essa análise ser realizada por meio de

observação, formulários, questionários, reuniões e demais métodos que acrescentem informações para a elaboração de intervenções favoráveis para o processo de aprendizagem (PORTO, 2011).

Dentro do ensino de Jovens e Adultos, o psicopedagogo tem como finalidade realizar uma busca de dados que contribua para encontrar mecanismos para estimular o aprendizado deste aluno que quer finalizar seus estudos (CAZELLA; MOLINA, 2010).

2.3 IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A EJA é um veículo indispensável para o processo de alfabetização de jovens e adultos, os quais não tiveram a oportunidade de frequentarem um ambiente escolar, tendo a função de suprir a escolaridade perdida.

A incapacidade de ler e escrever é conhecida como analfabetismo. Vale destacar que no Brasil existem muitas pessoas que não sabem ler ou escrever. De forma geral, isso está relacionado à oportunidade de frequentar e ter acesso a uma escola. Partindo desse ponto, criaram-se as políticas públicas de alfabetização de Jovens e Adultos, conhecida como EJA (MOACIR; ROMÃO, 2010).

Sendo assim, a alfabetização se dá por meio do conhecimento das letras do alfabeto que são usadas como forma de comunicação, ou seja, momento o qual um indivíduo começa a montar uma gramática e suas possíveis variações. Não está ligada apenas a capacidade de leitura, mas também à capacidade de interpretação do texto ou palavra que está sendo lida (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2010).

Vale destacar que a alfabetização promove um mecanismo sociabilizado, visto que a leitura e escrita se tornam uma forma de comunicação, que é bastante usada na atualidade pela sociedade. Sendo assim, a leitura desenvolve a cultura, pois permite que o indivíduo conviva com acesso ao conhecimento (OLIVEIRA; OLIVEIRA; TREZZA, 2011).

Portanto, a EJA é uma política pública social, que visa oportunizar às minorias a frequência à escola e o aprendizado da leitura e da escrita, com o objetivo de diminuir as diferenças sociais, pois muito dos adultos que não sabem ler, estão ligados ao fato de não terem tido a oportunidade de estudar, pois, em boa parte das vezes, estavam cuidando do sustento de suas famílias (OLIVEIRA; OLIVEIRA; TREZZA, 2011).

Considerando ser a Educação de Jovens e Adultos uma modalidade educativa direcionada, basicamente, para os setores mais vulneráveis, do ponto de vista socioeconômico, e que seus atores carregam marcas profundas causadas pela desigualdade das oportunidades sociais e educativas (ANDRADE, 2004, p. 17).

Destaca-se ainda que, a Organização das Nações Unidas (UNESCO) utiliza das taxas de analfabetismo para indicar os níveis de desenvolvimento de um país. Isso é mais um motivo para a inserção dessa política pública, EJA, para que as taxas de analfabetismo diminuam e o país cresça, mostrando a importância desse programa (OLIVEIRA; OLIVEIRA; TREZZA, 2011).

Por fim, ressalta-se que a EJA é um veículo de promoção de inclusão social que visa à diminuição das desigualdades sociais e o progresso de um país por meio de A alfabetização de Jovens e Adultos vem passando, ao longo do tempo, por um processo de evolução, proporcionando uma nova visão e novo conceito de educar e de aprender, dando ao processo de ensino uma visão humanista.

2.4 HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

O início do processo de educação de jovens e adultos teve seu início definido em meados dos anos 40 de forma normal e convencional, onde o aluno adulto frequentava a aula juntamente com as crianças, e não carecia de nenhuma atenção especial, o que geralmente ocorria mais em zonas rurais (SOUZA, 2010).

Já nos anos 50, houve um processo de incentivo ao ensino, que ocorria a alfabetização de forma comunitária, sem uma formulação de uma didática pedagógica que pudesse auxiliar no processo de aprendizagem, tendo aulas ministradas por pessoas que se colocavam como professores sem nenhum tipo de capacitação (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2010).

Mas, foi nos anos 70, que se começou a ter uma atenção à Educação de Jovens e Adultos, com um movimento conhecido como Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha como base os pensamentos de Paulo Freire, que durante a ditadura militar lutou para que fosse dada a oportunidade de alfabetização à jovens acima de 15 anos e adultos (MOURA, 2009).

Em 1990, o MOBRAL foi substituído pela Fundação Educar, que surgiu com a queda do regime militar, e juntamente com o ano internacional da alfabetização, onde se criou um plano que tinha como objetivo reduzir cerca de 70% do analfabetismo do Brasil (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2010).

Assim, as políticas de educação vêm evoluindo e ganhando incentivos e investimentos no processo para alfabetização de jovens e adultos, sendo este um projeto político econômico, pois visam atingir as classes sociais mais baixas, onde, geralmente, encontram-se os maiores números de analfabetos (SOUZA, 2010).

Dessa forma, a EJA surge como uma forma de política pública que busca inserir o jovem e o adulto, que não teve a oportunidade de frequentar uma escola durante a infância, em um ambiente saudável e apto para que então seja alfabetizado, aprendendo a ler e a escrever, pois dentro da sociedade moderna isso se faz necessário nas mais variadas atividades realizadas no cotidiano (MOACIR; ROMÃO, 2010).

2.5 O DIREITO À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Para iniciar, se faz necessária a compreensão do que é a EJA, desse modo destaca-se a Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos:

Parágrafo único. Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos, considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares, a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades, face ao direito à educação;

II - quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada um e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;

III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares, face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos, com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica (BRASIL, 2000, p.2).

Em geral, os alunos da EJA não são somente aqueles que nunca frequentaram uma escola, mas também os que tentaram frequentar, mas encontraram algum tipo de dificuldade, seja de aprendizagem ou por motivos que envolvam sua vida pessoal como trabalho ou família, o que fez com que eles não

tivessem a oportunidade de completarem os estudos ao longo da vida (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2010).

Dentro da EJA, devem ser trabalhados, além da escrita e leitura, valores de cidadania, autoestima e inclusão, para que o professor consiga inserir práticas pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento intelectual do aluno.

A educação é um processo muito amplo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. A educação realizada na escola deve relacionar-se com a formação crítica e reflexiva dos alunos, mostrando que a questão do ensino pode ser trabalhada construtivamente junto com o professor, num trabalho vinculado a realidade do corpo discente (CARVALHO, 2008, p.28).

A EJA é uma modalidade de ensino que visa a inclusão, pois deve trazer para o adulto a potencialidade, fazendo com que ele acredite na sua capacidade, pois o indivíduo deve ser trabalhado dentro de suas peculiaridades para que os objetivos traçados sejam alcançados, visto que o ser humano está em constante processo de aprendizagem (MOURA, 2009).

Cabe ao professor tornar, dentro da educação de jovens e adultos, o aprender como algo prazeroso, criando vínculos e conhecendo o seu aluno, para que haja uma melhor absorção daquilo que lhe é ensinado, pois muitos procuram a EJA para a concretização de uma realização pessoal (MOACIR; ROMÃO, 2010).

Destaca-se ainda que a EJA deve oferecer um padrão mínimo de qualidade para atender as necessidades dos alunos inseridos no programa, de acordo com a Resolução CNE/CEB nº 4/2010:

Toma como referência a garantia de qualidade, considerando a ideia de um padrão mínimo de qualidade, trazendo variáveis importantes: a garantia de acesso com permanência na escola; a redução da evasão; a redução da retenção; a redução da distorção idade/série na escola regular; a centralidade no estudante com ênfase na sua aprendizagem; o foco no projeto político-pedagógico, no regimento escolar, na preparação dos profissionais da educação, na integração dos profissionais da educação com os estudantes; com os agentes da comunidade interessados na educação e vice-versa. Também ressalta a importância de se atentar no planejamento das ações da escola, no currículo proposto, no diagnóstico da realidade concreta dos alunos da EJA, nas ações de acompanhamento sistemático dos resultados do processo de avaliação interna e externa, na atenção a gestão, na definição de indicadores de qualidade social e por fim na clareza quando ao que seja qualidade social da aprendizagem e da escola (BRASIL, 2010, p.6).

Deste modo, fica evidente que existe uma legislação que protege e garante o direito de um jovem ou adulto analfabeto de ser alfabetizado e ter toda uma assessoria para que consiga aprender em um ambiente saudável e favorável.

2.6 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Paulo Freire foi um grande revolucionário com seus pensamentos acerca da educação e visava que o ensino não deveria ser proporcionado somente às classes econômicas elitistas, mas sim a qualquer pessoa, trazendo uma concepção libertadora do ensinar. O autor supracitado ressaltava, ainda, que o sistema educacional deveria ter afetividade, mas que mantivesse um padrão ético no dever do professor, para que o aprender se tornasse algo prazeroso, fazendo com que o aluno participasse efetivamente do processo educacional (MOACIR; ROMÃO, 2010).

A percepção trazida por Freire era de que o aluno não era um ser com lacunas vazias, que deveriam ser preenchidas com conteúdo programático, mas sim que a educação deveria ser moldada de modo em que o discente conseguisse adquirir um conhecimento que pudesse ser aplicado na vida (OLIVEIRA; OLIVEIRA; TREZZA, 2011).

Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos - não importa quem sejam - estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome de sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade (FREIRE, 1889, p. 17).

Deste modo, o analfabeto não deveria ser visto como um ser humano improdutivo, mas sim como uma pessoa que tem uma cultura que deve ser respeitada, e que por meio do ensino escolar haveria a aquisição de um maior (OLIVEIRA; OLIVEIRA; TREZZA, 2011).

Portanto, a adoção de cartilha era algo questionado por Freire, pois ele tinha a concepção de que o aluno deveria trazer para o ambiente escolar o conhecimento proporcionado por suas vivências, mesclando assim com o processo de aprendizagem, o que geraria uma motivação nos alunos (MOACIR; ROMÃO, 2010).

Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento

também do educando e não só do educador e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro (Celso Beisiegel), o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprendizagem. Por essa razão, não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma. (FREIRE, 1979, p. 72)

O sistema educacional visualizado por Freire era composto por uma filosofia, que supre as necessidades sociais e culturais de cada indivíduo, trazendo uma educação reflexiva e crítica, que é baseada na prática de cada aluno, em cada professor, não devendo ser algo padronizado, mas sim uma prática moldada às necessidades (MOACIR; ROMÃO, 2010).

Sendo assim, a alfabetização não podia ser vista como algo mecânico, mas como algo que expresse o cotidiano, pois a fala, a escrita e a leitura caminham juntas e essas interferem uma na outra, como expressa Paulo Freire no trecho a seguir:

Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. Eu, porém, sou capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler caneta. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora (FREIRE, 1989, p.13).

Freire ainda destaca que a alfabetização gera um processo de autonomia, proporcionando uma liberdade que oportunizará novas conquistas e objetivos, considerando e criando uma nova cultura (CARVALHO, 2008).

Quem pensa, por outro lado, que a classe trabalhadora é demasiada inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada que ver com libertação nem democracia, pelo contrário, quem assim atua e assim pensa, consciente ou inconscientemente, ajuda a preservação das estruturas autoritárias (FREIRE, 1989, p. 17).

Para Freire a alfabetização vai além do escrever e ler, mas envolve técnicas de interpretação e compreensão daquilo que está sendo escrito ou lido, tornando a pessoa crítica, produtiva e política, promovendo uma inserção social (MOURA; SERRA, 2014).

No livro “A Conscientização: Teoria e Prática da Libertação”, elaborado por Paulo Freire, relata-se que a aprendizagem é composta por cinco fases, como relata (Moura e Serra, 2014, p.12):

Primeira fase – a descoberta do universo vocabular dos educandos com os quais se trabalhará. Essa fase é um momento importante de pesquisa e reconhecimento do grupo.

Segunda fase – seleção de palavras dentro do universo vocabular pesquisado. Esta escolha deve ser feita segundo Freire sob os critérios da riqueza fonética, das dificuldades fonéticas, colocando-se na ordem de dificuldade crescente e do conteúdo prático da palavra, buscando o maior comprometimento possível da palavra com a realidade de fato.

Terceira fase – criação de situações existenciais próprias do grupo a trabalhar. São situações desafiadoras, problematizadoras e cheias de elementos que serão decodificados pelo grupo com a intervenção do educador.

Quarta fase – pressupõe a elaboração de fichas que ajudam os educadores no desenvolvimento do seu trabalho. São fichas que deverão apenas dar apoio, sem uma regra rígida a cumprir.

E por último, a quinta fase – consiste na elaboração de fichas com a decomposição das famílias fonéticas condizentes as palavras geradoras. O material pode ser preparado na forma de cartazes ou slides. Com efeito, percebemos a proposta de Freire no uso dessa metodologia de alfabetização para jovens e adultos, como algo diferente e inovador, pois, até o momento a alfabetização para adultos caracterizava em simples adaptações das cartilhas para crianças.

Partindo dessa perspectiva, as contribuições de Freire são usadas na atualidade, por se tratar de uma modelo educacional que funciona e faz com que realmente o processo de alfabetização se torne eficaz.

2.7 A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA E DO HÁBITO DE LEITURA

Quando uma pessoa passa pelo processo de alfabetização, torna-se apta para compreender e escrever textos, usando combinação de letras que vai formando palavras, que dão um sentido central ao texto que está sendo escrito, o que faz a presença de uma biblioteca indispensável.

Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é fundamental fazê-lo, desde o começo mesmo da alfabetização para que, na pós-alfabetização, se vá tentando a formação do que poderá vir a ser uma pequena biblioteca popular, com inclusão de páginas escritas pelos próprios educandos (FREIRE, 1989, p. 19).

A disponibilização de uma biblioteca em uma escola, onde tem salas da EJA, faz com que surja uma cultura científica em que o conhecimento e o aprendizado estejam em constante crescimento, proporcionando uma valorização da leitura (CARVALHO, 2010).

Destaca-se assim, que os livros não são para serem decorados, mas sim para desenvolverem um senso crítico de pensamento, promovendo a criatividade por meio da leitura (MOURA; SERRA, 2014).

A existência de uma biblioteca bem estruturada, com os mais variados graus de títulos para leitura, é de suma importância dentro do processo de alfabetização, que irá influenciar também a implantar o hábito de leitura, o que faz com que cada vez se busque uma linguagem que esteja em conformidade com o seu grau cultural (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2010).

É preciso conversar a respeito do que significa aprender a ler e a escrever, o que se faz com que esses conhecimentos, em que sentido à vida das pessoas se modificam depois que aprendem a ler e escrever, quais as previsões de uso desse conhecimento pelo resto da vida, fora da escola (CAGLIARI, 2008).

É de suma importância que dentro do processo de alfabetização sejam implantados hábitos de leitura, para que assim o aluno consiga desenvolver um raciocínio e uma interpretação, trazendo um enriquecimento de conhecimento e uma nova cultura (FARIA, 2009).

Deste modo, faz-se necessário criar metodologias diferenciadas, para que os alunos que estão sendo alfabetizado tenham interesse pela leitura, sendo o ato de ler um aliado na superação de qualquer dificuldade educacional que venha surgir (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2010).

A presença de uma biblioteca, por si só, não faz com que os alunos busquem livros para lerem, mas o estímulo proporcionado pelo professor é o que contribui de forma eficaz para que o aluno se interesse pela leitura e traz como consequência um desenvolvimento intelectual (FARIA, 2009).

O estímulo também deve ser dado em relação ao conteúdo, fazendo com que o aluno leia sobre os mais diversos temas, para que o discente adquira conhecimentos e saiba argumentar sobre vários temas (MOURA; SERRA, 2014).

A perspectiva é de a leitura ir além da decifração de códigos, de tornar-se algo prazeroso e compreensivo, sendo este um grande desafio para os educadores, pois a leitura aprimora o vocabulário e estimula o raciocínio (CARVALHO, 2010).

Sendo assim, dentro de um cronograma de alfabetização e ensino para jovens e adultos devem ser empregados livros estejam de acordo com o nível de

leitura e de entendimento de cada aluno, em que no decorrer do ano sejam propostos livros aumente o nível de interpretação (CARVALHO, 2010).

Destaca-se ainda, que devem ser levados em conta os desejos pessoais do aluno e também livros clássicos da literatura brasileira, que são de suma importância dentro da cultura brasileira (FARIA, 2009).

É fundamental o professor impulsionar o aluno ao desejo de visitas à biblioteca para a prática de leitura, mostrando que os livros não são para serem memorizados, mas sim compreendidos, proporcionando um crescimento intelectual.

2.8 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NA EJA

O professor é o detentor do saber, mas não é apenas ele que transmite o conhecimento e indaga o aluno, pois essa é uma metodologia arcaica e defasada, pois se deve adotar o método de ensino onde o aluno e professor, interagem para uma melhor assimilação de conhecimento.

A relação professor-aluno é fundamental dentro do processo de aprendizagem, pois um bom relacionamento permite que o processo de assimilação de conteúdo seja mais eficaz (NOLETO, 2014).

Deste modo, é notória a importância da comunicação entre aluno e professor, em que o discente consiga relatar suas dificuldades e o professor possa adotar uma metodologia com a finalidade de saná-las (RIBEIRO, 2001).

Com um bom relacionamento, as aulas se tornam mais dinâmicas e o processo de aprendizagem mais prazeroso, pois assim os alunos se tornam participantes ativos, fazendo com que o cansaço das atividades diárias não atrapalhe nas aulas (NOLETO, 2014).

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um mundo diferente daquele da criança e do adolescente. Trás consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiência sobre o mundo externo, sobre se mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à interação em situações de aprendizagens, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem (OLIVEIRA, 1999, p. 60)

Vale destacar que, dentro da EJA, a maior parte dos alunos trabalha e, por vezes, acontece deles irem direto do trabalho para escola, o que gera um

desgaste e mostra a importância do professor exercer um bom relacionamento com esse (RIBEIRO, 2001).

O professor traz consigo a representação de autoridade e o aluno a de liberdade e individualidade, o que se faz importante um bom relacionamento e convivência para que um consiga ter acesso ao outro, criando dentro da sala de aula um ambiente saudável e confortável para o aprendizado (DI PIERRO; GALVÃO. 2007).

A posição ocupada pelo professor é de um mediador de ensino, devendo elaborar aula dinâmicas e atrativas, incentivando os alunos a frequentarem e participarem das aulas, permitindo que esses façam contribuições nas aulas (CARVALHO, 2010).

Algumas qualidades são essenciais ao educador de jovens e adultos são a capacidade de solidarizar-se com os educandos, a disposição de encarar dificuldades como desafios estimulantes, a confiança na capacidade de todos de aprender e ensinar. Coerentemente com esta postura é fundamental que o educador procure conhecer os educandos, suas expectativas, sua cultura, as características e problemas de seu entorno próximo, suas necessidades de aprendizagem [...] deverá também refletir permanentemente sobre sua prática, buscando os meios de aperfeiçoá-la. (PROGRAMA RE-APRENDER, 1995).

O professor deve ser visto como um parceiro, tendo vista que o aluno deve ter livre acessibilidade, e que assim em caso de dúvidas e dificuldades consiga saná-las, para que a aprendizagem não seja prejudicada.

2.9 APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Um dos grandes questionamentos existentes dentro da educação é sobre a utilização do conteúdo ensinado na sala de aula e sua aplicação no do cotidiano, ou ainda qual sua aplicabilidade no exercício da cidadania.

Deste modo, o ensino da EJA busca justamente a utilização do que ensinado dentro da sala de aula, na aplicação da vida diária, produzindo assim raciocínio lógico e produtivo, proporcionando facilidades no dia a dia (RIBEIRO, 2001).

Partindo dessa perspectiva, destaca-se que, a didática aplicada na sala de aula com alunos da EJA, deve conter elementos lógicos, que estimulem a

criatividade e façam uma analogia ao pensamento, que irão contribuir para trabalhar habilidades que formam um patrimônio cognitivo (NOLETO, 2014).

Uma pessoa que é analfabeta tem dificuldades em exercer sua cidadania, pois, a leitura além de contribuir para a formação do intelecto, contribui ainda para a formação de caráter, visto que envolve relações de saber, onde o professor é como se fosse um guia para a aquisição de conhecimento (NOLETO, 2014).

Na EJA, se faz necessário que o professor seja especializado para esse tipo de ensino e assim consiga suprir as necessidades que os alunos vierem a apresentar (ROGONI, 2008).

Um profissional competente, para levar o aluno a aprender, e participar de decisões que envolvam o projeto da escola, lutar contra a exclusão social, relacionar-se com os alunos, com os colegas da instituição e com a comunidade do entorno desse espaço (ENS, 2006, p.19).

Freire destaca a importância de trabalhar a realidade cultural do aluno:

Discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 1997, p.30).

Sendo assim, o alfabetizar faz parte do processo social, pois permite a inserção de valores culturais e morais por meio do ensino, o que faz com que esse não seja um formato padronizado, onde o professor dita e o aluno faz a cópia, mas transformando os alunos em seres pensantes (ROGONI, 2008).

O professor deve avaliar o aluno para que consiga ver o progresso desse, mas essa avaliação não deve ser feita de forma convencional, com apenas uma prova, mas sim uma análise do cotidiano, para que os progressos fiquem evidentes e os pontos negativos sejam trabalhados (AOKI, 2013).

A metodologia da EJA é uma integração de disciplinas, ou seja, é trabalhada a interdisciplinaridade, o que faz com que o aluno consiga aprender e assimilar conteúdos, garantindo uma escolaridade eficiente e que possa ser aplicada no cotidiano (ROGONI, 2008).

2.10 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA EJA

Existem várias dificuldades encontradas e que devem ser trabalhadas dentro do ensino da EJA, como é o caso do preconceito, o fato do aluno trabalhar o dia todo e até mesmo a capacidade individual de assimilação do conteúdo.

Entre os próprios alunos é possível notar um preconceito em relação ao tempo perdido, muitos deles sentem vergonha por não saberem ler e escrever e já terem uma idade avançada, tendo o professor que ficar atento a essa particularidade e intervir, mostrando que independentemente da idade esse irá aprender (MOACIR; ROMÃO, 2010).

Muitos dos alunos da EJA têm uma jornada dura de trabalho, saem do expediente e vão direto para escola, chegando muitas vezes, cansados, o que mostra a necessidade de estimulá-los para que não venham a desistir no meio do processo de ensino. Na visão de Gadotti (2008, p.31):

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego.

Já em relação à capacidade intelectual do aluno, o professor deve estar atento para que consiga fazer com que esse supere as dificuldades que venham surgir durante o processo de ensino e aprendizagem (RIBAS; SOARES, 2012).

Destaca-se, ainda, que as dificuldades de ensino podem gerar um sentimento de frustração e de baixa autoestima no aluno, o que é um problema grave que pode levá-lo à desistência, devendo o professor estar atento e prestar todo um amparo necessário (CARVALHO, 2010).

Quando uma dificuldade é apresentada, ela deve ser superada, para que proporcione, por meio da educação, uma melhor qualidade de vida ao discente, e assim não venha gerar desânimo e frustrações e, conseqüentemente, a desistência da escola:

Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está

condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Os programas de educação de jovens e adultos estarão a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo na formação do educador (GADOTTI, 2008, p.31)

O trabalho do educador é grande e desafiador, pois envolve situações distintas, com uma sala com várias pessoas com culturas diferentes e com idade variada, sendo assim o sistema de ensino deve ser próprio e adequável à situação (CARVALHO, 2010).

Sendo assim, é importante mostrar ao aluno que o ambiente escolar é um local de superação, que só pelo fato dele ter procurado uma instituição de ensino, já coloca nele um diferencial, isso fará com que sua autoestima seja elevada e faz com que o aluno sinta vontade de superar as dificuldades (FARIA, 2009).

Muitas vezes se faz necessário que estejam envolvidos no processo de superação de dificuldades, além do professor, uma equipe multidisciplinar composta por médicos, psicólogos e outros profissionais que se façam necessário e assim possa encontrar o êxito da superação (MOACIR; ROMÃO, 2010).

Com o avançar do ensino, é necessário que estimule a prática do pensar e do raciocínio lógico para que cada atividade proposta proporcione um sentimento de superação e que caso haja outra dificuldade, essa não seja colocada como algo frustrante, mas sim como algo a ser superado (FARIA, 2009).

2.11 PSICOPEDAGOGIA PREVENTIVA E TERAPÊUTICA ESCOLAR

Vale ressaltar inicialmente que a Psicopedagogia tem um campo amplo de atuação, onde ela pode ser empregada no ambiente escolar de forma preventiva e terapêutica, cumprindo uma grande intervenção social (FERMINO; BORUCHOVITH; DIEHL, 2001).

Neste sentido a psicomotricidade, em sua forma preventiva, busca analisar o ambiente no qual o aluno está inserido, em que são identificados os obstáculos e os mecanismos facilitadores na aprendizagem (BOSSA, 2000).

Já a preventiva está direcionada ao fato de o professor buscar formas nas quais a aprendizagem tenha como principal preocupação o ambiente

exclusivamente escolar, fazendo uma relação entre a aprendizagem, professor, aluno e colegas de sala (BOSSA, 2000).

Na visão de Fagali (2002, p. 10) “[...] trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos, integrando o afetivo e o cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos, nas diferentes áreas do conhecimento”.

Sabendo que o campo de atuação da Psicopedagogia é clínico e institucional, é de suma importância que o psicopedagogo trabalhe entre as formas preventivas e terapêuticas, para promover um real aprendizado e desenvolvimento escolar do aluno, promovendo estratégias que visem solucionar qualquer *déficit* educacional.

Neste estágio o campo de atuação se deu em um ambiente escolar que visa o processo de ensino-aprendizagem de qualidade, o resgate de valores capazes de aumentar as perspectivas dos jovens e adultos nas esferas sociais, culturais e econômicas.

3 METODOLOGIA

A metodologia consiste em pesquisas que absorvem a compreensão do processo de investigação. Para se chegar a um diagnóstico escolar, o psicopedagogo procede com a coleta de dados, sendo este um processo com atividades que combinem análise documental, entrevista com aluno, professores e equipe pedagógica, com a família da criança, observações diretas, tanto na aprendizagem quanto nas relações do aprendente (PORTO, 2006).

Diante do exposto, a pesquisa feita trata-se de uma investigação para averiguar a realidade do aprendente no âmbito escolar.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A avaliação psicopedagógica é um dos componentes críticos da intervenção no processo de ensino e aprendizado, pois nela se fundamentam as decisões voltadas à prevenção e à solução das possíveis dificuldades dos alunos, promovendo melhores condições para o seu desenvolvimento, diante disso usou-se como forma de coleta de dados: observação, entrevista, análise documental e questionários.

Portanto, tal estudo trata-se de uma pesquisa de tipo bibliográfico (pois usa material já elaborado), de campo, qualitativa (pois descreve característica de determinada população), e quantitativa (as conclusões serão fundamentadas pelos dados levantados) (GIL, 2008).

3.1.1 Observação

Inicialmente foi utilizada, como metodologia de pesquisa, a observação, onde procurou-se analisar o comportamento e as relações interpessoais do indivíduo, o ambiente no qual está inserido, sendo este um método fundamental para definir comportamentos, recolher dados, identificar problemas e definir intervenções (GIL, 1999).

Wogalter e Dingus (1999) salientam que em estudos de comportamento é de fundamental importância a observação para evidenciar e identificar as condutas do indivíduo, sendo estas coerentes ou não com a realidade na qual está inserido.

Sendo assim, foi realizada uma observação na escola, dentro da EJA, onde foram observados alguns pontos como: comportamento e aprendizagem dos alunos no âmbito escolar, atuação e metodologia de ensino do professor, estrutura da escola, apoio do administrativo da escola em relação aos alunos e professores.

3.1.2 Entrevista

A técnica ou metodologia de entrevista é realizada em contato direto, onde as perguntas e as respostas são expostas de forma oral, podendo até ser gravadas pelo entrevistador ou anotado os pontos principais da resposta (GIL, 1999).

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas, atualmente, em trabalhos científicos. Ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico. Este trabalho tem como objetivos a definição da técnica da entrevista, sob a luz de autores de obras que a contemplam; evidenciar a importância da utilização desta técnica em trabalhos científicos; estabelecer quais são os passos e pontos importantes para a realização da técnica; bem como destacar os elementos imprescindíveis que o entrevistador deve desenvolver frente a essa técnica (BRITTO JÚNIOR; ÁLVARO; FERES JÚNIOR, 2011, p.1).

Essa técnica é bastante utilizada por ser rápida, como as perguntas são feitas diretamente e respondidas de forma imediata, faz com que o tempo de aplicação seja reduzido, o que torna o campo de pesquisa mais célere (RIBEIRO, 2008).

Diante disso, foi realizada uma entrevista (APÊNDICE C) com a coordenadora para que a mesma pontuasse os pontos positivos e negativos relacionados ao ensino da EJA, na qual as perguntas foram colocadas de forma simples e respondidas de forma livre.

3.1.3 Análise Documental

Essa análise é realizada por meio de documentos científicos, onde se busca dentro de estudos os principais pontos e argumentos relacionados com determinadas pontuações a serem desenvolvidas, salientando assim pensamentos igualitários e até mesmo divergentes, o que leva a uma discussão (GIL, 1999).

É de grande relevância que os materiais encontrados que se relacionam com a temática sejam separados por critérios como tipo de documento, a saber: livros, revista, vídeos, estudos e outros, e, depois disso, dentro desses grupos separam-se esses materiais por critério de mérito, para que assim o estudo tenha coerência quando explanado os dados encontrados (RIBEIRO, 2008).

3.1.4 Questionário

O uso de questionário deve ser elaborado com o objetivo de obter dados para discutir a temática a ser desenvolvida, devendo as perguntas ser claras e que a pessoa que for responder tal questionário consiga entender com clareza o que está sendo questionado para que haja coerência nas respostas (GIL, 1999).

Existem alguns pontos que devem ser levados em consideração quando se elabora um questionário, a saber: deve-se planejar o que será mensurado, as perguntas têm que ser fundamentadas para adquirir os dados necessários, estabelecer uma sequência de assuntos nas perguntas (AAKER et al., 2001).

Neste sentido, foram elaborados dois questionários com perguntas objetivas e claras, sendo que um foi direcionado para a equipe responsável pela gestão da escola e professores (APÊNDICE B) e o outro voltou-se aos alunos (APÊNDICE A), para que assim fosse elaborados gráficos com percentual de respostas.

3.2 POPULAÇÃO AMOSTRA

A população do presente estudo foi os alunos da EJA de uma escola de ensino público da cidade de Anápolis.

3.3 PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS DADOS

Para esta pesquisa, foi realizado um diagnóstico institucional, que, conforme Trinca (1986) trata-se de uma investigação para averiguar a realidade do ambiente escolar, em que são salientados os pontos positivos e negativos, com a finalidade de suprir as necessidades educacionais.

Posteriormente, foi realizada uma proposta de intervenção, que, de acordo com Novaes (1970), tem por finalidade gerenciar e controlar as deficiências, elaborando uma metodologia psicopedagógica coerente com a realidade na qual a escola se enquadra, buscando por meio de inovações adequar-se diante da necessidade do aluno.

4 ANÁLISE DE DADOS

4.1 ESTRUTURA DA ESCOLA

A escola possui fácil acesso a deficientes físicos, contendo rampas e corrimão. Observa-se a falta de estacionamento para funcionários e alunos. A instituição fornece um lanche reforçado pelo fato de a maioria dos alunos irem do trabalho diretamente para a escola.

Em relação à estrutura das salas de aulas da EJA, foi possível identificar que existe um número grande de carteiras, assim a instituição pode atender um número maior de estudantes. A sala é bem ventilada com quatro janelas e um ventilador posicionado na frente, mas a pintura se encontra em situação precária com paredes descascadas e infiltrações.

Foi possível identificar que a sala era composta por homens e mulheres com faixa etária variada, os alunos permaneceram em silêncio, sendo assim, não houve conversas paralelas e nem outras interferências prejudiciais ao aprendizado, mas dentre os alunos presentes somente uma participava das aulas, mas a professora buscava mecanismos para interagir toda a sala.

4.2 OBSERVAÇÃO DA AULA DE MATEMÁTICA, LÍNGUA PORTUGUESA E CIÊNCIAS

Esta observação foi realizada no dia 03 de outubro de 2017, na aula de matemática, na turma do 5º Semestre da II Etapa, composta com cinco alunos presentes. A aula foi ministrada por um professor que, por sua vez, chegou cumprimentando os alunos. Colocou no quadro em ordem horizontal o nome, a disciplina e a data. Lançou o título “Equações do 2º grau”, seguido do discorrer da definição com a fórmula a ser utilizada. O docente não fez uso de um livro didático, apenas colocou algumas anotações no quadro, compostas por exemplos utilizando conhecimentos prévios, posteriormente sentou-se e esperou que os alunos copiassem.

Em determinado momento um aluno dirigiu-se à mesa do professor para esclarecimentos de dúvidas. Imediatamente, levantou-se e começou a explicar o conteúdo, utilizando o método do valor do termo desconhecido para introduzir e retornando a conteúdos estudados, a fim de que os alunos relembassem para

melhor assimilação do conteúdo que estava sendo aplicado. No momento da explicação, um aluno se levantou e foi tomar água no bebedor que estava fora da sala de aula, o professor continuou explicando com indagações direcionadas aos alunos sem obter retorno. Terminando a explicação, deu continuidade a segunda parte do conteúdo com o subtítulo: “Equações do 2º grau completas e incompletas”. Colocou alguns exemplos no quadro e explicou com questionamentos aos alunos e mais uma vez sem obter retorno. Todos saíram para o lanche, retornaram e fizeram em sala. Terminando o horário do lanche, o professor aplicou as atividades no quadro, retiradas de um livro didático. Prontamente, saiu da sala retornando assim que tocou o sinal.

A aula de Português foi realizada no dia 10 de outubro de 2017, na turma do 3º Semestre da I Etapa, composta de 10 alunos presentes, que tinham faixa etária acima dos 35 anos. A professora se mostrou bastante dedicada aos alunos. Entregou uma folha que tinha como conteúdo a apresentação sobre verbos. Começou a fazer leitura compassadamente e repetindo para que os alunos conseguissem acompanhá-la, mesmo alguns se perdendo na leitura. Terminando a leitura, ela começou a explicar o conteúdo utilizando a lousa, sabendo que muitos deles não haviam entendido o conteúdo, ela lançou mão dos verbos do cotidiano como: “Nós fomos” ao invés de “nós foi”, para, assim, facilitar o entendimento desses alunos.

A mesma docente supracitada pediu para que eles respondessem as atividades. Ela começou a circular pela sala de aula observando o desenvolver dos alunos e parava sempre próximo ao que se encontrava com dificuldades, puxava uma cadeira, se sentava e, com uma voz suave e cheia de vontade, começava a explicar. De repente, chegou um aluno, pedindo licença e a professora autorizou sua entrada. Ela se voltou para as pesquisadoras e explicou o motivo por ter permitido sua entrada. Disse que é uma turma diferenciada, trabalhadores, chefes de família e que realmente estavam ali com o intuito de aprender, superando obstáculos em busca do conhecimento.

Voltou-se aos alunos e continuou suas explicações individuais. Dirigiu-se à lousa para corrigir os exercícios, utilizou uma garrafa de água para explicar os tempos verbais do verbo “beber”, foi corrigindo e demonstrando a importância dos verbos na fala, colocou algumas palavras grafadas erradas para instigar os alunos a detectar os erros de ortografia, corrigindo-as posteriormente.

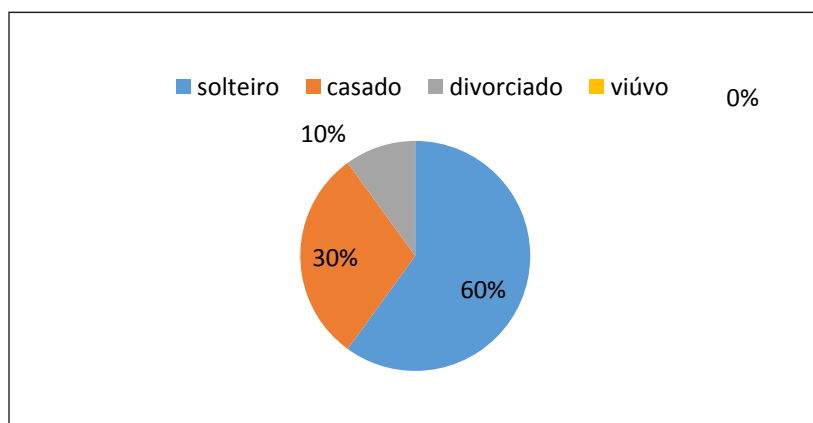
No dia 17 de outubro de 2017, na turma do 4º Semestre da II Etapa, composta por 16 alunos entre jovens e adultos presentes, aconteceu a aula de Ciências. A docente apressadamente entregou uma folha com atividades em frente e verso, ressaltando que era avaliativa. Fez a leitura de cada exercício dando ênfase a um exercício com nível maior de dificuldade. Dirigiu-se à sua mesa, puxou a cadeira e se sentou. Vasculhou sua pasta, pegou um papel entre os outros e começou a fazer anotações. Uma vez ou outra levantava os olhos para verificar o movimento da sala.

Depois de algum tempo, dirigiu-se seu olhar aos estagiários com perguntas sobre a temática e atuação no mercado de trabalho, uma aluna a interrompeu com uma pergunta sobre um erro de digitação de uma questão da atividade avaliativa, ela corrigiu o erro atentando para o resto da turma. A docente permaneceu em seu lugar sem indagações aos alunos sobre o desenvolver das atividades até o sinal tocar e todos entregarem a atividade avaliativa. Assim, a professora se retirou da sala se dirigindo para outra turma.

4.3 ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Foi aplicado um questionário a 10 alunos presentes com questões objetivas. No dia da pesquisa estavam presentes somente alunas do sexo feminino. Em um estudo similar à este, desenvolvido por Bastiani (2011), sobre Perfil e desafios dos alunos da EJA do Município De Santa Helena-PR., identificou-se que dos 37 alunos entrevistados, 75% são do sexo feminino e 37,8% são do sexo masculino.

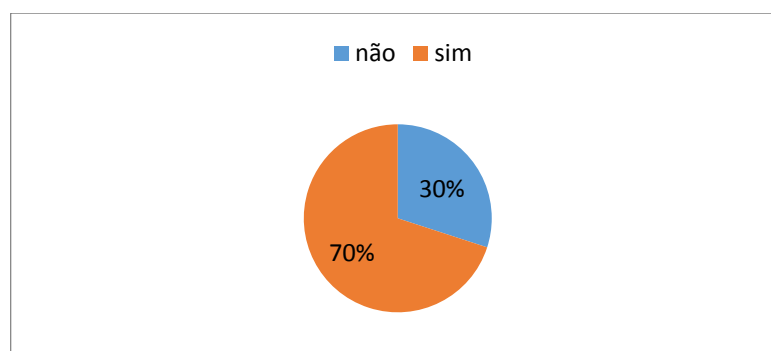
Dentre os achados ficou evidenciado que na turma de EJA analisada, 60% é solteiro, 30% casado e 10% divorciado, não existindo nenhum viúvo dentro deste grupo (Gráfico 1).

Gráfico 1: Estado civil

Fonte: Autores desta pesquisa, 2018.

No estudo de Ajala (2011), sobre motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR, identificou-se, quanto ao estado civil dos entrevistados, que o número de casados é superior ao de solteiros, fato que pode ser entendido devido à grande concentração de indivíduos acima dos 25 anos nesta modalidade de ensino, porém estes números não são estatisticamente significativos.

Quando se analisou que os alunos tinham alguma ocupação relacionada ao trabalho, 70% dos entrevistados disseram que trabalham e os outros 30% disseram que não.

Gráfico 2: O aluno trabalha

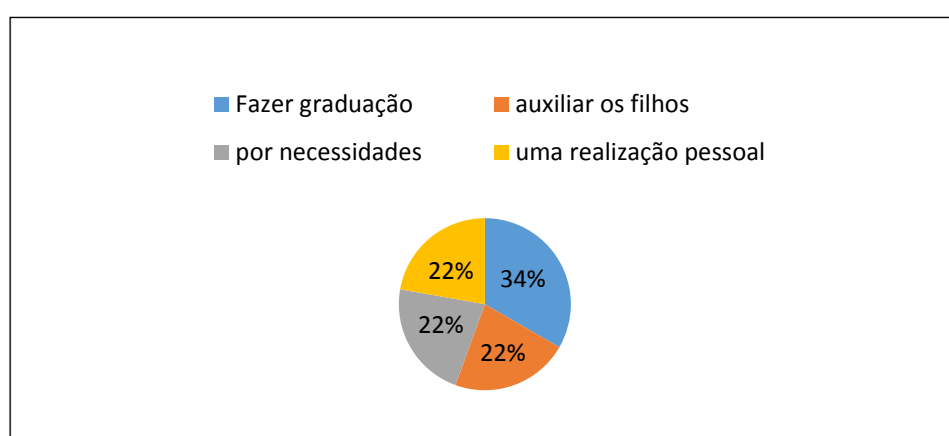
Fonte: Autores desta pesquisa, 2018.

Para Barbosa (2009, p. 37) “estão em primeiro lugar, o trabalho, a família ou situação outra que determina muito de suas decisões, a fazer períodos de interrupções nos estudos”. Isto se refere ao desafio de conciliar trabalho e estudo,

pois há a necessidade financeira da família que precisa ser suprida. Vale destacar que o público da EJA entende que os estudos trazem expectativas diferentes e melhores.

Ao se analisar quais os motivos fizeram buscar pelo retorno do estudo e pelo ensino da EJA em específico, 34% disseram que pretendem fazer uma graduação, 22% auxiliam os filhos nos estudos, 22% por necessidade e 22% para uma realização pessoal.

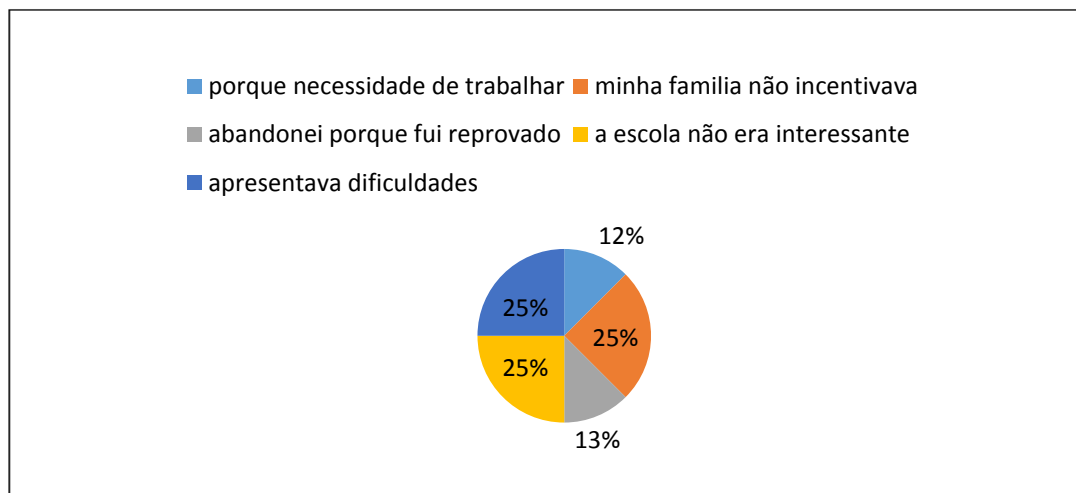
Gráfico 3: Motivos pelos quais procurou voltar os estudos pela EJA



Fonte: Autores desta pesquisa, 2018.

Observa-se, portanto, a diversidade dos estudantes, dessa forma, a modalidade deve ocupar-se de um currículo que atenda às “concepções e propostas de EJA voltadas à formação humana, que passam a entender quem são esses sujeitos e que processos político-pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas necessidades, desejos, resistências e utopias” (BRASIL, 2009, p. 28).

Quando os entrevistados foram questionados acerca dos motivos que levaram a não frequentarem a escola no tempo normal, 25% relataram que tinham dificuldades, 25% disseram que as famílias não incentivavam os estudos, 25% porque já não tinham interesse em concluir os estudos, 13% porque em algum momento foi reprovado e 12% porque precisavam trabalhar para prover o sustento da família.

Gráfico 4: Motivos de evasão escolar.

Fonte: Autores desta pesquisa, 2018.

No estudo de Costa et al. (2013), com a temática de perfil social dos estudantes da EJA em Bragança-PA, identificou-se, em relação à escola, que 64% dos estudantes ficaram algum tempo sem estudar e 36% nunca pararam seus estudos, no entanto, 79% dos estudantes já tiveram pelo menos uma repetência escolar, sendo este alegado pelos estudantes como um dos motivos para evasão.

Vale salientar que o aluno que atribui o excesso de reprovações ao desinteresse particular pelos estudos toma para si um fracasso que não é só dele. Hoje, o sistema escolar, como aponta Souza (2008), é fruto de políticas que depauperaram a escola pública, dificultando o desempenho de seus papéis políticos e sociais, fato que leva essa autora a identificar o fracasso assim como Patto (1999) identificou, quase duas décadas antes, ou seja, um produto das dificuldades desse sistema gerador de obstáculos ao cumprimento de seus objetivos.

Dentre os motivos de desistência, o principal está relacionado à dificuldade de conciliação estudo e trabalho. Fonseca (2007) considera que o principal motivo é o trabalho, pois deixaram a escola para trabalharem.

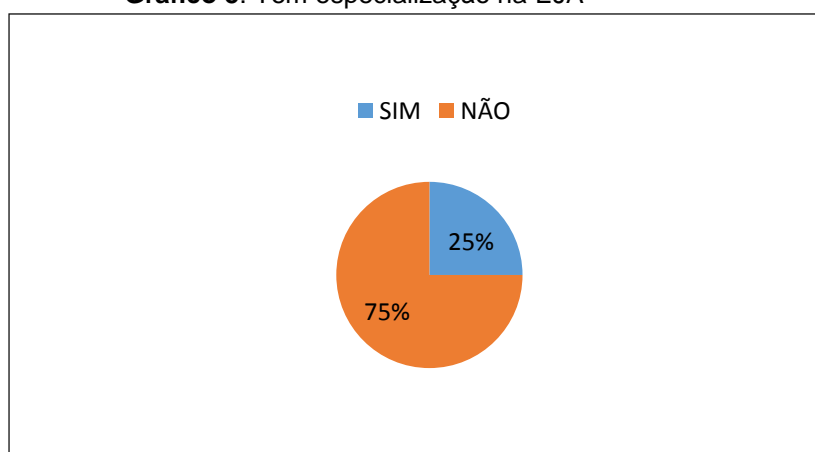
4.4 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Foram entrevistados quatro professores, que se disponibilizaram voluntariamente. A primeira pergunta estava relacionada a especialização na área de atuação da EJA, sendo assim 75% disseram que ainda não fizeram e 25% que já realizaram cursos na área.

Para Rauber (2006, p.5):

O contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) possui muitas especificidades e requer um quadro de profissionais preparados para atuar de forma integral aos interesses expostos no próprio modelo pedagógico. Tal modelo pressupõe, além da inclusão de uma parcela das camadas populares a um direito fundamental – a educação –, o preparo, através do processo educacional. Os sujeitos da EJA requerem conhecimento para a participação na vida pública e acesso aos bens sócio-culturais, direito de todo cidadão.

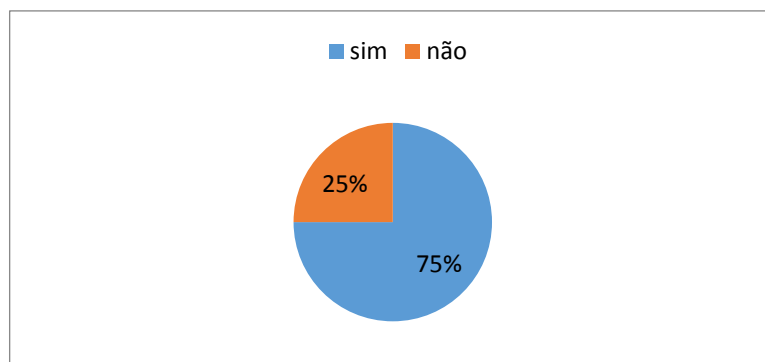
Gráfico 5: Tem especialização na EJA



Fonte: Autores desta pesquisa, 2018.

Os docentes foram questionados também sobre se achavam que houvesse uma especialização voltada para o ensino da EJA era de importância, 25% disseram não e 75% assentiram positivamente.

Assim, para atuar nesse segmento, o professor deve estar convicto de suas aptidões para a pesquisa e estar aberto para novos conhecimentos. E para esse contexto Freire (1997) afirma que a partir do momento em que se busca o conhecimento, este deve derivar-se do ensino, do aprendizado com a docência. Porém, produzir conhecimento só se dá por meio da pesquisa, do instinto de se informar, da vontade de ir atrás das indagações e dessa forma construir meios para chegar próximo do conhecimento da verdade. O referido autor infere que “toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência” (FREIRE, 1997, p.192).

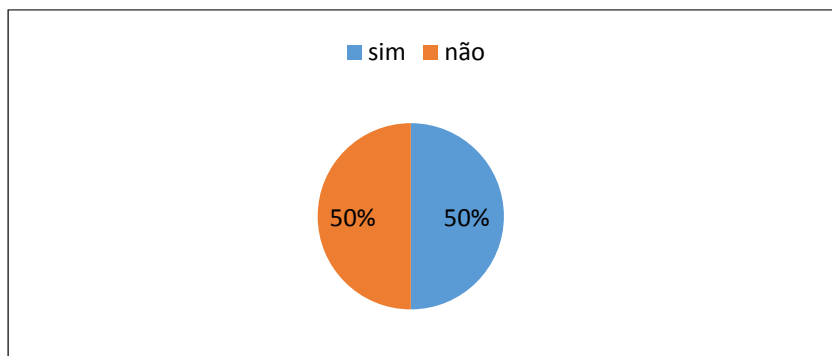
Gráfico 6: Importância de uma especialização no ensino da EJA

Fonte: Autores desta pesquisa, 2018.

Em relação ao emprego das metodologias de ensino na EJA ser igual ao do ensino comum, 50% disseram que não há diferenças e 50% disseram haver diferenças sobre a forma de transmitir o conhecimento e conteúdo. (Gráfico 7).

Dos aspectos relevantes que o Parecer CNE/CEB nº 11/2000 destaca está a necessidade da formação de professores para EJA:

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (BRASIL, 2000, p. 56).

Gráfico 7: As metodologias de ensino do EJA são as mesmas do ensino regular

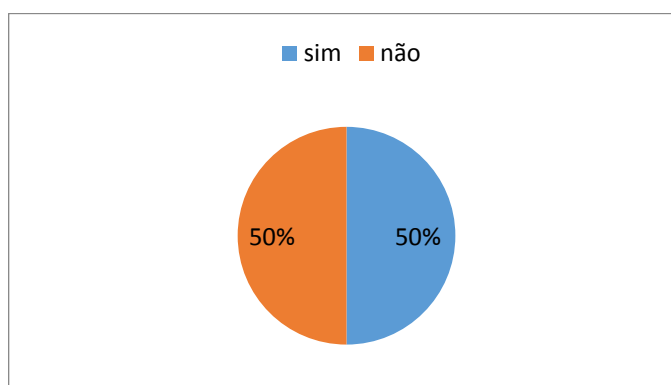
Fonte: Autores desta pesquisa, 2018.

E para assistir a esse público, a escola deve se apresentar diversa e atrativa, pois esses alunos podem trazer consigo um conceito da escola tradicional, como afirma Aoki (2013, p. 13) “Muitas vezes, os alunos de EJA esperam um

modelo tradicional, em que o professor detém o saber que transfere aos alunos por meio de atividades como cópias e ditados”. E, dentro desse contexto, os professores de EJA devem possibilitar situação em que possam desconstruir esse conceito, de forma que o aluno perceba que a aprendizagem requer a participação deles nas atividades, pois eles também já trazem consigo uma boa bagagem de conhecimentos “em geral adquiridos de modo informal por sua experiência de vida acumulada na família, na comunidade ou no trabalho” (AOKI, 2013, p.07).

Por fim, questionou-se acerca do o material de apoio disponibilizado pela rede de ensino ser suficiente. Cinquenta por cento dos entrevistados disseram que não supre as necessidades educacionais e 50% relataram ser suficientes para que o aluno consiga assimilar o conteúdo ministrado.

Gráfico 8: O material de apoio oferecido é considerado suficiente



Fonte: Autores desta pesquisa, 2018.

Em síntese, evidencia-se que refletir a respeito da formação do professor, tendo em vista identificar elementos capazes de desencadear mudanças na prática pedagógica, tem se mostrado um desafio, em função da complexidade do processo de formação e de constituição profissional dos sujeitos. Ser flexível é um dos elementos para a boa prática docente, entre outros saberes, como destaca Tardif (2002): os saberes da docência, da experiência, da Didática e curricular.

4.5 ENTREVISTA COM A COORDENADORA

A coordenadora se disponibilizou a responder as questões de forma voluntária, identificando-se como pedagoga há 12 anos, sem especialização na da EJA, mas atuando nessa área. Ela destacou que o EJA veio com o propósito de

diminuir os índices de analfabetismo no Brasil e construir uma sociedade mais participativa. Sendo assim, salientou que os professores desenvolvem dentro do ambiente escolar um local de respeito, cumplicidade e troca, assim, com o estímulo do professor, o aluno ganha mais interesse e confiança.

Em relação às metodologias utilizadas, falou que nem sempre o material didático é específico para essa modalidade, fazendo com que os professores procurem recursos em *sites*. Os conteúdos são aplicados respeitando as dificuldades dos alunos, com definições e exercícios. As avaliações são feitas de acordo com o desenvolvimento de cada aluno.

Sobre a formação dos profissionais que atuam na EJA, disse que a escola em si não oferece cursos ou capacitações aos professores, mas que a prefeitura com frequência vem oferecendo formas de aprimoramento educacional para os educadores.

4.6 ANÁLISE DIAGNÓSTICA DOS LEVANTAMENTOS DE DADOS

É de suma importância que exista uma interatividade no ambiente escolar que constrói um diálogo entre os participantes (professor, aluno, coordenador, diretor), propiciando a vivência de experiências significativas que contribuem para o aprendizado.

Todo o processo de ensino-aprendizagem é veiculado a uma série de fatores que determinam seu sucesso e insucesso. Finalmente, o diagnóstico situacional realizado na Escola Municipal alcançou seu objetivo de promover uma análise sobre as condições de operacionalidade da instituição e sobre suas interferências no processo ensino-aprendizado. A pesquisa tornou-se um instrumento valioso para contribuir com o planejamento de um programa de ações estratégicas destinadas a melhoria funcional da escola.

É necessário desenvolver a afetividade nos alunos da EJA, cabendo ao educador compreender a importância dessa relação para o melhor aproveitamento de sua prática. Freire (1996 p.96) enfatiza que “o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento.” Sendo assim, o processo de educação constitui um sujeito que desenvolve seus aspectos afetivos, cognitivos e motores, que interage com o meio em que vive, para

que o estudo seja um meio de inclusão, isso porque a construção de saberes é um processo social.

Desse modo, a EJA é um fator de influência positiva para esses sujeitos, a fim de melhorar sua própria vida e mudar sua concepção de mundo. A escola é o espaço onde o aluno se relaciona, é nesse contexto que o professor pode ajudar o seu aluno a desenvolver seus talentos, suas competências, fazer com que o aluno tenha um conceito positivo de si mesmo, de forma a proporcionar a oportunidade que pode permitir com que esse realize seus desejos, como qualquer ser humano, para participar e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

As dificuldades de aprendizagem podem ser superadas com atitudes simples, como o diálogo, respeito e trocas de vivência, onde o apoio e as intervenções do professor são importantes para determinar a capacidade de assimilação do conteúdo ministrado (SCOTT, 2004).

Deste modo, a Psicopedagogia deve atuar na forma preventiva para as possíveis dificuldades que os alunos possam apresentar de forma coletiva ou individualizada, sendo assim o professor deve despertar um interesse pela busca do conhecimento, fazendo com que o aprendizado se torne algo prazeroso impedindo que o aluno venha em algum momento desistir.

Neste sentido, em geral uma pessoa que busca a EJA acredita que o ensino e a educação têm o poder de transformar a vida em todas as áreas, devendo o professor identificar as peculiaridades de cada aluno, evidenciando a necessidade de professores especializados em Psicopedagogia, para que esse consiga entender as necessidades dos alunos e buscar formas de supri-las.

Em concordância a isso, tem-se o seguinte pensamento de Fernandez (1990, p.27) que “o desejo não é apenas daquele que aprende, mas também daquele4 que ensina”, evidenciando que dentro da EJA não prevalece apenas a realização dos alunos, em conjunto tem a satisfação do professor que ensina.

A Psicopedagogia procura trazer o cotidiano do aluno para dentro da sala de aula, para que essa bagagem de conhecimentos informais seja usada no ambiente escolar, promovendo um significado para a situação que acontece de forma diária, fazendo com que o aprendizado seja algo prazeroso.

Freire (1993) destaca que o ato de ensinar é também um ato de amor, que promove a coragem, o que mostra a importância do cotidiano ser inserido dentro do processo educacional. Partindo dessa perspectiva, a Psicopedagogia vem com intuito de promover a liberdade humana, onde o aluno tenha o anseio de buscar a superação no aprendizado.

Portanto, sugere-se a realização de oficinas semestrais para que possa haver um compartilhamento de informações e exposição das superações dos alunos, também pode ser um excelente modo de contribuir para o processo educacional desses, pois promovem o aprender por meio da ludicidade e a socialização entre os alunos.

A Educação de Jovens e Adultos por ser caracterizada por realidades diversificadas merece aprofundamento, conhecimento e elaboração de instrumentos de apoio específicos para cada contexto, visando à aprendizagem. Diante disso, criar um ambiente que apresente formas diferenciadas de aprender, resgata o desejo dos alunos e, dessa forma, a aprendizagem tradicional dará lugar a uma aprendizagem contextualizada e significativa para os alunos.

A contribuição da Psicopedagogia é de extrema importância para uma nova forma de pensar, sentir e agir frente aos conteúdos e no sentido de auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem dos alunos, de suas dificuldades e facilidades que, articulados no conjunto, configuram a identidade da comunidade escolar. É urgente que a Psicopedagogia volte o olhar para especificidade do indivíduo proveniente da Educação de Jovens e Adultos respeitando suas particularidades e dando subsídios para que os mesmos possam, de maneira confiante, se abrir a aquisição de novos conhecimentos.

Pode-se dizer que, o ensinar e o aprender devem ser algo prazeroso, evidenciando que os alunos da EJA merecem uma atenção especial devido ao fato de não terem frequentado a escola na época em que eram crianças e somente depois de adultos tiveram a oportunidade de estudar, o que reafirma a necessidade de uma análise psicopedagógica do ambiente e comportamento que envolve a escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção de jovens e adultos dentro de educação é de fundamental importância para que as perspectivas de um país sejam melhores, o que mostra a importância da EJA, que visa oportunizar que as pessoas que não tiveram como frequentar um ambiente escolar passe a fazer parte dele.

Deste modo, o professor é o principal veículo de estímulo para que esses alunos consigam se superar e adquirir o conhecimento, que será útil nas mais variadas realizações do cotidiano.

Assim sendo, a metodologia de ensino pode ser compreendida como um conjunto de ações desenvolvidas pelo professor visando alcançar os objetivos propostos, e não como um roteiro prescritivo que busca promover uma ação docente mecanizada a qual desconsidera o contexto em que o aluno está inserido. Por isso, é fundamental que o professor tenha clareza do que, para que, como e a quem está ensinando, para, a partir daí, utilizar uma metodologia que contemple as necessidades educacionais do aluno (ARAUJO, 2006).

O presente estudo proporcionou uma reflexão acerca da EJA, onde se buscou analisar sobre a metodologia de ensino aplicada em determinada escola da rede pública de ensino, sendo possível evidenciar que os professores buscam compreender as dificuldades em um contexto coletivo, mas também particular de cada aluno.

Mas, contudo, é possível identificar a necessidade de investimentos na questão de cursos e especializações voltadas para o ensino da EJA, para que assim seja disponibilizado aos professores uma troca de vivência e experiências, aumentando o conhecimento sobre metodologias de ensino.

Destaca-se ainda que a EJA é um trabalho educacional, onde se percebe a relevância do trabalho realizado pelos professores que atuam nessa modalidade de ensino, pois traz à tona uma questão de suma importância, tanto para o educador quanto para o educando, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, a metodologia de ensino.

Neste sentido, Ireland (2008) enfatiza a importância de o professor considerar os conhecimentos prévios dos alunos visando, a partir deles, promover novos conhecimentos, visto que as pessoas com o perfil da demanda da EJA aprendem observando, fazendo, ouvindo relatos de experiências vividas por

colegas, o que lhe permite construir caminhos singulares de compreensão. Por isso, entende-se que a metodologia de ensino utilizada na EJA precisa considerar essa construção cognitiva desenvolvida pelo educando, a fim de possibilitá-lo desempenhar uma participação efetiva e consciente, tanto na sala de aula quanto na sociedade.

Conclui-se que, a Educação de Jovens e Adultos atua como uma forma de política pública que visa oportunizar a prática estudantil de pessoas que quando mais jovens não tiveram a oportunidade, o que demonstra a grandiosidade dessa metodologia, sendo que o professor deve ser um estimulador dentro desse processo de aprendizagem.

Após o explanado, deixa os achados do presente estudo como fonte de pesquisa para outros que se relacionem com o tema, para que contribuam de forma benéfica para educação de jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

AAKER, E. A. *Marketing Research* (7th Ed.), New York: John Wiley & Sons, Inc, 2001.

AJALA, M. *Aluno EJA: motivos de abandono e retorno escolar na modalidade eja e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Medianeira – Tese de título de especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), 2011.

ALMEIDA, M. S. *Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem*. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

ANDRADE, E. R. de. *Os jovens da EJA e a EJA dos jovens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

AOKI, V. *Educação de jovens e adultos: alfabetização*. São Paulo: Moderna, 2013.

ARAUJO, J. C. S. *Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo*, In VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) *Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações*. Campinas: Papirus, 2006.

BARBOSA L. M. S. *A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar*. Curitiba: Expoente, 2001.

BASTIANI, D. M. *Perfil e Desafios dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos do Município de Santa Helena-PR*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Medianeira – Tese de título de especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), 2011.

BOSSA, N. A. *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. RS, Artmed, 2007.

_____. *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos - Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000.

BRITTO JÚNIOR; ÁLVARO, F.; FERES JÚNIOR, N. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011

CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bú*. São Paulo: Scipione, 2008.

CARVALHO, M. de. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre teoria e prática*, 7. ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 2008.

- CAZELLA, S.; MOLINA, R. A intervenção psicopedagógica institucional na formação reflexiva de educadores sociais. *Rev. psicopedag.* São Paulo, v. 27, n. 82, 2010.
- COSTA, K.; AMORIM, A.; ROSÁRIO, I.; FREITAS, L. *Quem são os estudantes da EJA? Perfil social dos estudantes da EJA em Bragança-PA.* Universidade Federal do Pará, 2013.
- DI PIERRO, M. C.; GALVÃO, A. M. de O. *Preconceito Contar o Analfabeto.* São Paulo: Ed. Cortez. 2007.
- ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”. *Diálogos Educacionais*, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.
- FAGALI, E. *Psicopedagogia Institucional Aplicada: a aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula.* 7.ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- FARIA, W. F. de. *Educação de jovens e adultos.* São Paulo: Person Education do Brasil, 2009.
- FERMINO, F. S.; BORUCHOVITH, E.; DIEHL, T. L. f. *Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FERNANDEZ, A. *A inteligência aprisionada.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- FONSECA, M. da C. F. R. *Educação matemática de jovens e adultos.* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007
- FREIRE, P. *Medo e ousadia: cotidiano do professor.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa.* São Paulo: Paz Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- GADOTTI, M. *Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta.* 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.
- GARRIDO, I. *Âmbitos de aplicacion de la psicologia motivacional.* Bilbao: Desclee de Brower, 1990.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- _____. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HADDED, S.; DI PIERRO, M. C. *Escolarização de Jovens e Adultos.* *Revista Brasileira de Educação*, mai-ago, número 014, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil, 2000.
- IRELAND, T. *Educação de adultos em retrospectiva.* Brasília: UNESCO, MEC, 2012.

- LEAL, D.; NOGUEIRA, M. O. G.; GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, M. *Transtornos do comportamento: o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e a aprendizagem*. Curitiba: Intersaberes, 2010.
- LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E.B.C.; MORAIS, A.G. (Organização). *Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MOACIR G.; ROMÃO J. E. *Educação de jovens e adultos: teoria, prática, proposta*. Editora: Cortez. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2010.
- MOURA, O.; SERRA, P. *Jornal de Notícias: Suplemento Guia Prático da Educação*. Portugal. Setembro, 2014.
- MOURA, T. M. de M. *A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky*. Maceió: EDUCAFAL, 2009.
- NOLETO, M. J. *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*. Brasília: UNESCO, 2014.
- NOVAES, M. H. *Psicologia Escolar*. Petrópolis: Ed. Vozes, 9ª ed, 1986.
- OLIVEIRA, C. M.; OLIVEIRA, W.; TREZZA, M. PROJETO *Mova-Brasil: projeto político-pedagógico participativo: experiências do Mova-Brasil- São Paulo: instituto Paulo Freire: PETROBRÁS. Federação Única dos Petroleiros, 2011.*
- OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e Adultos como Sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, nº12, set- dez, ANPED, 1999.
- PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1999.
- PORTO Olívia. *Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico*. 4. ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- PORTO, O. *Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico*. 1ª ed. Walk Editora, 2006.
- RAUBER, P. *EJA: avaliação para uma análise qualitativa*. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2006.
- RIBAS, M. S.; SOARES, S. T. Formação de Professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente. In: *Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED SUL*. Caxias do Sul - RS: Universidade de Caxias do Sul, 2012,
- RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

RIBEIRO, V. M. M. (Coord). *Educação para Jovens e Adultos*. Ensino Fundamental Propostas Curriculares 1º seguimento. São Paulo: Ação Educativa Brasileira: MEC, 2001.

ROGONI, F. G. *Muda o mundo Brasil*: alfabetização de jovens e adultos; ilustrações Franciele GussoRigoni. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

SCOTT, W. R. Reflections on a half-century of organizational sociology. *Annual Review of Sociology*, n. 30, p. 1-21, 2004.

SOUZA, A. P. D. *Uma análise dos fatores associados à frequência ao ensino médio na educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil*. 3(2), 8-35, 2008.

SOUZA, J. F. *A educação de Jovens e adultos no Brasil e no mundo*. – NUPEP (núcleo de ensino, pesquisa e extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação popular): Centro de Educação – UFPE. Ed. Bagaço – Recife: Bagaço, 2000.

SOUZA, M. N. de. Sua Majestade: a criança contemporânea e o desafio dos limites. *Revista Contemporânea: Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre. n.8, p.148-163, 2010.

TARDIF, M. *Os Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TRINCA, W. *Diagnóstico Psicólogo: A Prática Clínica*. 1ª ed. EPU Editora, 1986.

WOGALTER M. S; DINGUS, T. A. *Methodological techniques for a Evaluating behavioral intentions and compliance: Warnings and Risk Communication*. EUA. Taylor & Francis, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

I – DADOS DEMOGRAFICOS

1. Qual o seu sexo? feminino masculino
2. Estado Civil? solteiro casado divorciado viúvo
3. Tem filhos? sim não
4. Você trabalha? sim não

II – DADOS ESPECIFICOS

5. Porque não frequentou a escola na idade correta?
 Por necessidade de trabalho
 Minha família não valorizava ou incentivava o estudo
 Abandonei porque fui reprovado
 A escola não era interessante
 apresentava dificuldades de aprendizagem
 gravidez precoce
 outros _____
6. O que te motivou a busca EJA?
 Fazer uma graduação futura
 Para poder auxiliar os filhos na escola
 Aprender a ler e escrever para melhor interagir na sociedade
 Por necessidade de ter um melhor emprego
 Uma realização pessoal
 outros: _____

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA EQUIPE GESTORA E PROFESSORES

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

I – DADOS DEMOGRAFICOS

1. Qual o seu sexo? feminino masculino
2. Estado Civil? solteiro casado divorciado viúvo
3. Tem filhos? sim não
4. Você trabalha? sim não

II – DADOS ESPECIFICOS

5. Você tem alguma especialização na atuação da EJA?
 não
 sim. Qual? _____
6. Você acha que é importante, cursos de especialização para atuação no EJA?
 não
 sim. Qual? _____
7. A escola oferece estrutura física e de espaço adequada para receber esses alunos?
 não
 sim.
8. O material de apoio oferecido pela escola, no seu ponto de vista é suficiente?
 não
 sim.
9. Explane aqui observações importantes sobre o seu ponto de vista em relação ao EJA nesta escola.

APÊNDICE C - ENTREVISTA COM A COORDENADORA

- 1) Qual a sua formação e tempo de experiência na Educação para Jovens e Adultos?
- 2) Na sua opinião, o que gerou tantas modificações no ensino EJA?
- 3) Qual a relação professor-aluno na EJA?
- 4) Por que o índice de evasão escolar é alto nesta modalidade?
- 5) As metodologias aplicadas na EJA correspondem as necessidades dos alunos?
- 6) Quais os métodos de aplicação do conteúdo e avaliações?
- 9) Existe na escola alguma ação relacionada à formação continuada dos professores?

APÊNDICE D - FICHA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOEDUCACÃO CLÍNICA E INSTITUCIONAL
FICHA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE PSICOEDUCACÃO INSTITUCIONAL

NOME DO ALUNO: _____ TELEFONE CELULAR: _____
 EMAIL: _____
 NOME DA INSTITUIÇÃO: _____
 ENDEREÇO: _____
 TELEFONE: _____ GESTORA: _____

FICHA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

DATA	VIA DE ANÁLISE PROFESSORA	DESCRIÇÃO SUMARIA DAS ATIVIDADES
/ /		
/ /		
/ /		
/ /		
/ /		
/ /		
/ /		
CARGA HORÁRIA TOTAL DE ESTÁGIO		Assinatura do Aluno: _____ Assinatura do Docente/supervisor de estágio: _____ Professora: _____